

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



ANO I — N.º 38 — PREÇO: 1 ESCUDO
LISBOA, 5 DE FEVEREIRO DE 1942

O SR. GENERAL CARMONA que, no próximo dia 8, vai receber a entusiástica consagração do eleitorado de todo o País, recebeu há dias os srs. drs. Albino dos Reis, Aguedo de Oliveira, Madeira Pinto e Sebastião Ramires, da Comissão Executiva da U. N., que foram solicitar a sua assinatura no documento da apresentação da sua candidatura à Presidência da República. A foto dá-nos um aspecto da cerimónia.

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

DIZIA em 1552 a Estatística manuscrita de Lisboa: «Vêm à cidade mil homens e mulheres pobres que andam pedindo esmola, e têm-no por ofício, de que tiram muito dinheiro para suas mantenças». Foram escritas estas palavras há 390 anos. Pois bem. Este número quintuplicou pelo menos até hoje, e se os mendigos agrupados em confrarias já não concorrem a actos públicos com as suas insignias de canas verdes, nem armam as suas tendas, ao sol, no adro da Misericórdia, continuam, entretanto, como os seus arqui-avós seiscientistas a cultivar a tradição de pedir esmola nas ruas. Pode-se muito por necessidade? Sem dúvida. Mas pede-se também muito como profissão. Fialho de Almeida costumava contar um episódio que vale o melhor de todos os comentários. Um dia o autor dos Gatos foi aboçadado por um homem ainda novo, robusto, regularmente vestido que se descobriu perante ele e lhe pediu esmola.

— Por que não trabalha o senhor? — inquiriu Fialho.

— É que tenho mulher e quatro filhos...

— Por isso mesmo.

Logo o pedinte, com a maior naturalidade do mundo:

— Mas, como eu ia dizendo a V. Ex., tenho mulher e quatro filhos a trabalharem por mim...

FILARMÓNICAS

ALBINO Lapa publicou recentemente um pequeno trabalho em que se faz a história das bandas. Em certa página, vêm reproduzidas três figuras de tocadores egípcios do tempo da construção das Pirâmides e que Albino Lapa resumiu, elucidando: *Banda do tempo dos Faraós*. Há dias João Bastos, apreciando a gravura e a legenda, exclamou, com visível propriedade: — Não há dúvida! É a Incrive! Faraóense!

QUESTÕES MORAIS

TEM-SE debatido nos últimos tempos este melindroso problema moral: será imoral as artistas de revista aparecerem no palco com o umbigo à mostra? Há quem afirme que sim e — c'est l'éternelle chanson — há quem afirme que não. Pela parte que me toca, prefiro não me pronunciar em assunto tanto umbíguo...

MALHERBE

UM dia o célebre poeta Malherbe foi alocado a casa do Arcebispo de Rouen e adormeceu depois do almoço. Como o prelado tinha de pregar nessa tarde, acordou-o e convidou-o a ouvir o sermão.

Imediatamente Malherbe, lembrando-se de que o arcebispo não era um grande orador, respondeu, escondendo um bocejo:

— Dispense-me, Vossa Reverência, que eu durmo mesmo sem o ouvir...

O JOGO DA POLÍTICA

NOTANDO o padre António Vieira que na corte de D. João IV se collocavam à margem muitos homens de incontável valor, confidenciou, um dia, a certo ministro:

— Quem vir os nossos descartes há de imaginar que temos bom jogo.

UM PERFIL AQUILINO



Aquilino Ribeiro representa a Beira no Chiado. Ao vê-lo, às tardes, na «Bertrand», tem-se infalivelmente a impressão de que Aquilino, chegado pouco antes de Soutosa, vem retomar o seu posto diplomático junto da República das Letras. Fresco, risonho, admirável, respirando a plenos pulmões, força, energia, saúde, vigor, nada mais parecido com ele do que a sua prosa. Quem o vir ou quem o ler não pode deixar de ter a sensação de quem respira fundo. Cheira, ao mesmo tempo, a urse, a pinhaes — e a pão de milho. Um dia preguntámos-lhe qual era a sua essência predilecta. Não hesitou na resposta: — «A alfazema». Está psicologicamente definido o homem. Literariamente, à prosa-boudoir, à prosa chá-das-cinco, à prosa flor de estufa prefere a prosa-ar livre, a prosa-janela aberta. Decerto por isto mesmo, o autor da «Via Sinuosa» e das «Terras do Demo» vive, nos arredores de Lisboa, numa casa viçosa e convidativa, a casa de Santa Catarina, em que a luz entra a jorros, cada manhã, como se fosse a própria auréola do escritor. Existiu, em tempos, um Aquilino Ribeiro, revolucionário e façanhado, de bigodes, com um chapéu mole repuchado aos olhos, e que era o terror dos burgueses na pácata Lisboa de há 34 anos, mas cremos que este Aquilino (que a História conserva naturalmente com nomenclatura no seu opulento guarda-vestidos) não tem nada de comum com o actual Aquilino, sorridente, tranqüilo, de cara rapada, membro da Academia, romancista até à medula, e para quem a Literatura constitue, não apenas a sua profissão, mas a sua quasi exclusiva devoção. A este Aquilino devem as nossas Letras algumas das suas páginas mais castigas. Presenteando-nos frequentemente com um volume que se lê e relê dum fôlego, atingiu um lugar de que não é fácil desbancá-lo. Conquistou-o a golpes de talento. Conserva-o, de pena vigilante, como se fôra uma sentinela espiritual de si próprio. É um triunfador. A sua «Via Sinuosa» chama-se hoje «Via Láctea». As suas «Terras do Demo» converteram-se em «Terras de Apolo». O seu «Jardim das Tormentas» é hoje para ele, ao menos literariamente, o «Jardim das Delícias».

RAPE

«**P**ERMITA-ME, minha senhora — dizia, uma tarde, o primeiro Balzac, pedindo a uma senhora uma pitada da sua caixa — que as minhas extremidades digitais se insinuem nas vossas tabáquicas concauidas para daí extrair esse pó subtil que dissipará os humores aquáticos do meu cérebro alagadiço».

ESPERANÇA

O distinto economista Anselmo Vieira escrevia recentemente no *Corvo* — risonho e simpático jornal dos estudantes de Évora — que a humanidade, a despeito dos grandes cataclismos sociais que, por vezes, a subvertem, progride sempre, e, assim, cedo ou tarde, o património legado por gerações, mais ou menos prósperas, desentulha-se das ruínas que o escondiam e vem juntar-se ao trabalho das gerações posteriores.

Éis uma consoladora esperança de que a Calçada da Glória será eterna.

DR. REINALDO DOS SANTOS

NA última recita dos quintanistas de Medicina realizada no *Ginásio*, um dos futuros estudantes fez uma imitação esplêndida do professor Reinaldo dos Santos. No dia seguinte um colega deste professor encontrou o estudante que imitara aquele e disse-lhe com o melhor sorriso do mundo:

— O senhor excedeu o original!

VISITAS DE CERIMÓNIA

NÃO há nada mais agradável no mundo do que uma visita de cerimónia — pelo prazer que nos dão quando se vão embora...

A CRISE DOS ABASTECIMENTOS

AS donas de casa queixam-se, e com razão, duma tremenda crise de comestíveis. Não se encontram muitas coisas e muito do que aparece é caríssimo. Há uma maneira muito simples de resolver o problema. Como? — perguntar-se-á. Com um simples dicionário. Folheiem V. Ex. um dicionário e lá encontrarão açúcar, vitela, bacalhau, carvão, peixe de todas as qualidades, etc., etc.... Experimentem — que lhes não levo coisa alguma pela ideia.

NAPOLEÃO E OS APÓSTOLOS

QUANDO Napoleão entrou, victorioso, em certa cidade de Itália, apresentou-se-lhe a irmandade de certa freguesia pedindo-lhe, com muito empenho, que tomasse os seus doze Apóstolos, verdadeira reliquia da confraria, de baixo da protecção imperial.

— De que são os Apóstolos? — perguntou Napoleão.

— De prata maíça, senhor.

— Pois então — exclamou o imperador — não me limitarei a tomá-los só a minha protecção: quero ajudá-los a cumprir a sua missão na terra. Eu os farei andar por esse mundo...

É não tardou muito que não mandasse os doze Apóstolos para a Casa da Moeda, de Paris.

Luís S. Oliveira Martins

Vida PORTU GUESA



EM CIMA: O ENFERMEIRO-MOR com os novos internos dos Hospitais Cívicos que tomaram agora posse dos seus lugares.



EM CIMA: O SR. PRESIDENTE DA REPUBLICA visitando o Salão Internacional de Arte Fotográfica em exposição na S. N. de Belas Artes.



EM CIMA: Os assistentes ao banquete de homenagem ao sr. Valente Costa oferecido pelo pessoal do Cais do Jardim. A DIREITA: O reitor do Liceu Camões, membros do corpo docente daquele estabelecimento de ensino e outras individualidades que assistiram ao banquete oferecido aos professores drs. Alves dos Santos e Ramos e Costa

panorama internacional

Horas altas

por Francisco Velloso

De camaroeiro ao alto, segundo a velha expressão de noticiaristas, eis que, quasi em rajada, passam por nós os grandes acontecimentos desta fase de transformação da guerra que abre para as suas decisões: — o final da Conferência do Rio, o debate nos Comuns, a descida dos primeiros corpos expedicionários americanos em território europeu. Quasi até há pouco, ao rever-se, em balanço, activos e passivos da politica internacional, deparava-se um axioma: — o seu eixo estava no Eixo. Agora o eixo desloca-se do Eixo. Não há trocadilho de palavras. Há uma realidade de momento na sucessão dos factos. Por isso assim se regista, como tal, seja qual for o resultado do litigio mundial.

A DECLARAÇÃO DO RIO



A Conferência do Rio foi oficialmente encerrada no dia 29 de Janeiro.

Recordado o resumo que fizemos da sua gênese e das posições dos contratantes do bloco pan-americano, é agora altura de fixar as três grandes resoluções saídas do gigantesco agrupamento de potências.

Em primeiro lugar, a declaração conjunta, que é assim concretizada, nos seguintes termos que devem ser integralmente reproduzidos, dado o seu carácter histórico:

1. — As Repúblicas americanas reafirmam a sua decisão inabalável de considerar todos os actos de agressão cometidos por um Estado extra-continental contra uma delas como acto de agressão contra todas, e como constituindo ameaça imediata, contra a liberdade e a independência das Américas.

2. — As Repúblicas americanas reafirmam a sua completa solidariedade na sua decisão de cooperação com vista à protecção reciproca até que desapareçam os efeitos da agressão actual.

3. — As Repúblicas americanas, em applicação dos princípios estabelecidos pelas suas leis internas e tomando em consideração a posição e as circunstâncias em que se encontra cada país em relação ao conflito actual, recomendam o corte de relações com o Japão, a Alemanha e a Itália, porque um destes Estados atacou um país americano e os outros dois declararam-lhe a guerra.

4. — As Repúblicas americanas declaram em conclusão que, antes de restabelecerem as relações em questão, consultar-se-ão entre si de

maneira que a sua decisão tenha carácter de solidariedade.

O delegado boliviano, Matienzo, ao ler este documento, concluiu: «Perdemos em vigor para ganharmos em coesão». De facto, quasi à última hora, o texto mais energico que os Estados Unidos haviam defendido, e que formulava quasi um compromisso de coligação aliada, houve de ser retirado para que a arte de Oswaldo Aranha tirasse o que acima se lê, a fim de poder obter-se a assinatura da Argentina e do Chile.

Isto, porém, não redundou senão em nova força, porque muito mais importante foi a coligação do bloco económico americano, quer como hostilização aos países do Eixo, quer pelo auxilio mútuo internacional das nações do continente, auxilio efectivo, do qual a abolição temporária das barreiras aduaneiras é a expressão mais forte. Romperam já relações diplomáticas com o Eixo o Brasil, o Uruguai, o Chile, a Bolívia e o Paraguai. Mas o bloco económico, esse, é que ultrapassa todos os efeitos políticos. O dr. Funk encontraria agora um novo leit-motif para clamar o bloco económico europeu, se no seu plano ele não houvesse por condição a hegemonia prevalecente do seu país, e se, entre a Europa e o bloco americano, não existisse a ligação poderosíssima de Washington a Londres e (oxalá que isto não seja esquecido desde já) a do Rio de Janeiro a Lisboa que tem de ser, em consequência da latitude do Itamaraty, por assim dizer paralela àquela.

A terceira resolução vem efectivamente alinhar também por as duas primeiras.

Pretendera-se que a Conferência do Rio apoiasse resolutamente a Carta do Atlântico. A opposição argentina e chilena, juntou-se a do Brasil. Aqui, surgiu inegavelmente o espirito americano, autónomo e cioso. E em vez da adesão àquela, apareceu a Carta do Rio, título que poderá encimar todo o trabalho ingente e grandioso da Conferência, e que se baseia nestoutra declaração principal:

«As nações americanas tomam nota da Carta do Atlântico e manifestam ao presidente dos Estados Unidos a sua satisfação pela inclusão, neste documento, dos princípios que fazem parte do património jurídico americano, de conformidade com a convenção sobre os direitos e as obrigações dos Estados, proclamada na Conferência Pan-Americana de Montevideo, em 1933».

A reunião dos estados maiores, imediata em Washington ou no Rio, veio como corolário. O governo norte-americano concluiu já acordos com dezasseis nações da América Latina, prevendo a suspensão mútua das tarifas aduaneiras e doutras barreiras comerciais. Esta série de acordos faz parte dum grande programa económico,

tendente a garantir a produção de guerra máxima. Os acordos referidos, válidos pela duração da guerra, prevêem a utilização ilimitada dos recursos dos países signatários, numa base cooperativa, tendo em vista garantir a segurança de cada um, individualmente e em bloco. Cada país aumentará a produção das matérias primas que melhor convenham à sua economia.

Outra ordem de resoluções dá o relêvo exacto da extensão da conferência: — recomendando a supressão das comunicações radiotelegráficas e radiotelefónicas com as nações agressoras e os territórios ocupados, assim como a rigorosa fiscalização das telecomunicações, com eliminação dos postos de «rádio» clandestinos; manutenção das relações diplomáticas entre as nações americanas e os países ocupados, aceitando a emenda, proposta pelo México, segundo a qual essa manutenção de relações se deve manter somente «quando aqueles governos não cooperam com as nações agressoras».

Depois da ocupação da maior parte da Europa pela Alemanha, depois da vitória da R. A. F. sobre o assalto alemão à Inglaterra, depois da invasão da Rússia e da batalha do Pacífico, a Conferência Pan-Americana do Rio é o acontecimento magno da guerra, para o nosso tempo e para o futuro das relações políticas e económicas do Mundo. A Alemanha encarou-o com hostilidade legitima, olhando ao seu interesse no conflito. Mas ele vai muito para além desse horizonte restrito. Sob muitos pontos de vista, quando doravante se falar nos Estados Unidos temos de nos lembrar de que o bloco americano é uma das primaciais realidades do Mundo, e de que se o totalitarismo foi e ainda é parcialmente uma febre europeia, a liberdade é integralmente uma radiação pujante da América oferecida aos direitos dos povos.

NA LIBIA E NA RÚSSIA



No espaço de tempo, que mediu entre as decisões primaciais da Conferência pan-americana e a actualização destas rápidas glosas dos acontecimentos, acentuou-se toda a tendência de contórno que eles vêm marcando, numa fase acidentada e porventura enervantemente demorada de transformação, mas inequívoca.

Largo balanço tomou a campanha da Líbia. Quando as tropas de Auchinlek, sob o comando directo de Ritchie, pareciam serfregar às margens do golfo de Sirte, Rommel — a quem Churchill intitula de grande general — reforçado por frescos e novos contingentes em gente e material, que, a coberto de formidável bombardeamento da base de Malta, os alemães puderam tra-

zer-lhe por mar e pelo ar, repetiu, embora em menor escala, a sua façanha anterior contra Cunningham, perfurando as linhas inglesas em profundidade que, segundo rezam os comunicados, se mediu por cerca de 200 quilómetros. Reacção de contraofensiva ao avanço britânico pela Cirenaica, ou desembaraçado gesto para desafogar o apêrto que desse avanço derivava, mostra-se que houve no ataque de Ritchie um momento de colapso que o talento de Rommel aproveitou para salvar, em Bengazi e em Tripoli as bases de abastecimentos da batalha que prende importantes efectivos britânicos na Africa do Norte. Por onde lhe chegaram esses abastecimentos? Pelo ar, sem dúvida, mas também por mar a coberto das costas francesas, como se verá, pois as negociações Berlim-Vichy vão assás adiantadas, segundo telegramas publicados a 29 de Janeiro. E o resto compreende-se com facilidade.

Por outro lado, a batalha da contra-ofensiva russa assume agora proporções tais que já se torna inútil chamar-lhe simples série de reacções em esbóço. A descida de Leninegrado a Novgorod, a de Viazma a Esmolenco, a assomada à linha de Orel, Kursk e Karkov, o empenho na Crimeia e ao longo do Mar de Azov, desenharam objectivos de tal monta que Hitler, em pleno inverno, houve de renunciar a qualquer possibilidade de estabilização, e de lançar à fomalha todas as forças. Se a invasão da Rússia foi caso sério, a contra-ofensiva de Timochenko com recrescidos efectivos não o é menos. Um êxito russo modificaria a carta alemã da Europa, num momento em que o pacto da Grécia, da Checo, da Iugoslavia e da Polónia, fitando e contando com a amizade eslava da politica externa de Moscovo desenha, pela primeira vez depois da eclosão da guerra, um novo mapa balcânico representando, sobretudo contra a Bulgária, a desforra das vitórias alemãs do primeiro semestre do ano passado. E ainda uma projecção das conferências de Eden com Estaline. E como é natural, com a simpatia de Ankara.

O DEBATE NOS COMUNS



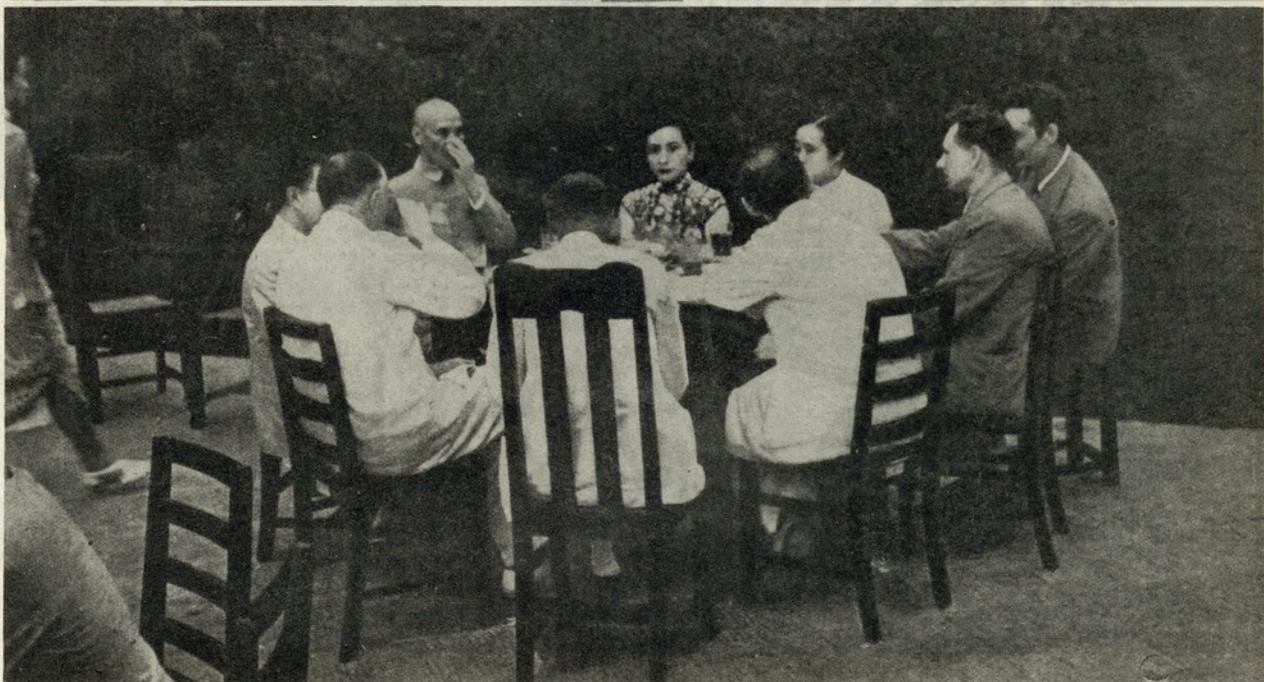
Este entremeio de sucessos fecha na oitava com um sensacional acontecimento: — o debate nos Comuns sobre a condução da guerra.

Por mais de uma vez nos termos referido isto em crises de enervamento desgastante que fazem marulhar e espumear as retaguardas dos grandes e pequenos países, beligerantes ou não, à medida que a guerra se prolonga. Nenhum deles, no campo do Eixo e no campo dos Aliados, escapou

(Continua na pag. 8)

A CHINA

prepara
novos
exercitos



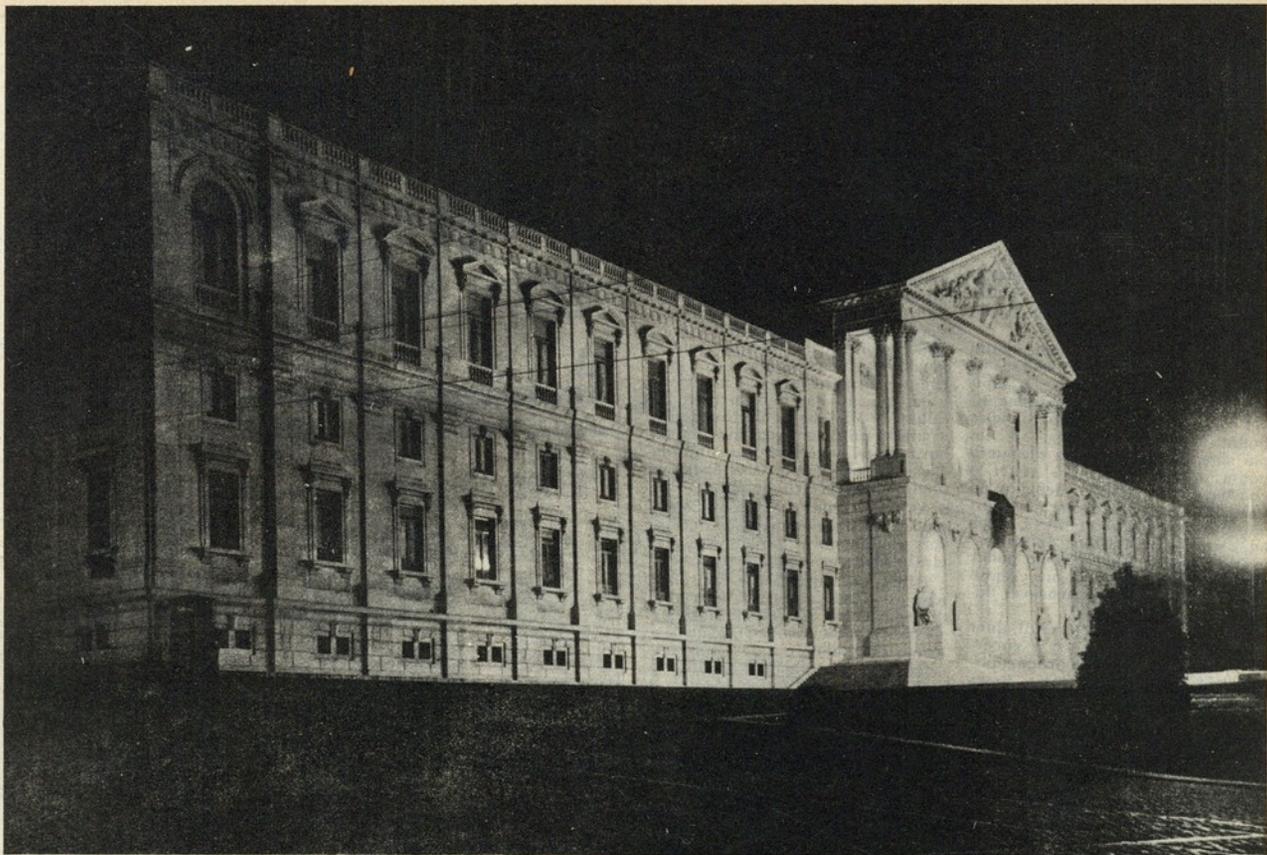
EM CIMA: Vários aspectos da preparação militar dos novos exércitos chineses: A instrução na Academia Militar de Whampoa aos graduados que hão-de tomar os lugares de comando à frente das divisões de Chung-Kai-Chek. — Cadetes, dos dezeto aos 25 anos, conduzindo metralhadoras e munições durante uma parada em Bent-Knee. — O pequeno almoço dos soldados e oficiais em treino de guerra nos arredores de Xung-King. EM BAIXO: O generalissimo Chang-Kai-Chek e a esposa durante um almoço diplomático servido, por precaução contra os «raids» aéreos, nos jardins duma sua propriedade isolada. Na foto, vêem-se o dr. Tai-Chi (Primeiro Ministro), o embaixador norte-americano Clarence Gauss, o embaixador inglês Sir Archibald Clarke-Kerr e o embaixador russo Penushkin.



* **MANHÃ** *

LISBOA acordou há pouco e o sol inunda-a já de alegria. As casas da colina, encharcadas de luz, olham o Tejo. Assim viu a cidade nesta linda manhã o artista fotográfico F. Marques da Costa.

Vida **MUNDIAL**
ilustrada



* NOITE *

LISBOA brilha outra vez. E os seus monumentos e palácios adquirem nova beleza à luz dos projectores que os iluminam em noite de festa. (Fotos Jorge Garcia)

HORAS ALTAS

Por FRANCISCO VELLOSO

(Continuação da pág. 4)

Recordando-se a série de malórgos que no Oriente pós a calvo a desorganização norte-americana e a insuficiência inglesa de efectivos, temos encontrado a chave desse debate no primeiro parlamento do Mundo.

E depois de se ler com muita atenção o estupendo discurso de Churchill há-de render-se o espírito ante esta verdade indesmentível: — só um povo como o inglês podia agüentar a prova, só um parlamentar de primeira grandeza podia sujeitar-se a ela e vencê-la com enorme prestígio, debaixo do fogo das oposições declaradas, dos murmúrios desorientadores, por uma votação que afina definitivamente Winston Churchill no poder por 464 votos contra um, sendo este último voto indispensável duma regra parlamentar.

As afirmações de Churchill, quer ao abrir o debate, quer a encerrá-lo, não podem ser reproduzidas. Guardam-se para a história. Esses dois discursos constituem um drama violento com um personagem dominador: — o Primeiro Ministro, drama intenso da consciência cívica do povo britânico. Os ecos reboantes do acontecimento em todo o Mundo provam que em todos os quadrantes êle foi sentido como na própria Inglaterra, à vibração dos seus lances, na ansiedade que o agitou, no seu desfecho espantoso. Nunca talvez um homem, desde Pitt, o segundo, subiu tão alto, desde as guerras napoleónicas.

O primeiro e importante contingente americano acabava de desembarcar na Irlanda do Norte saudado por Sinclair. De Valera formulou contra o facto um protesto sem nexo e impolítico que veio cavar ainda a separação da Ilha Verde, pois o núcleo originariamente escossês de Belfast rezingou com vantagem invocando o direito da sua autonomia. Roosevelt annunciara a 27 que já há dispersos no Mundo dez núcleos expedicionários americanos.

Este facto deu à Inglaterra as certezas de que os Estados Unidos haviam mudado e estavam na Europa e de que a sua entrada na guerra deixara de ser uma questão de principio expressa em palavras.

Quando Churchill confessou rudemente, brandindo com suma arte a sua melhor arma, os malórgos e os desaires, trazia ao debate o fundo escuro de um quadro em que se projectavam fachos de claridade viva: — o aumento da produção de guerra, as primeiras e vigorosas resistências à invasão nipónica, os sucessos no leste europeu, o panorama da guerra transformado.

Virão piores dias. Churchill mostrou ao Mundo o que visivelmente não queria mostrar: — o segredo da Inglaterra, sôzinha, haver afrontado e podido jogar a guerra, sem lhe ser possível estar em força em tôda a parte. Por isso êle disse que os dias de hoje lhe lembravam os dos meses seguintes a Dunquerque — com a vitória das primeiras esquadilhas aéreas inglesas. Então êle lançara a divisa famosa: — nunca tantos deveram tanto a tão poucos. Não é exagero parafrasear, ao cabo de dois anos e meio de guerra, a respeito das resistências britânicas, que nunca tanto foi feito com tão pouco... e bem.

DISCURSO AOS ALEMÃES

Sobre o discurso parlamentar de Churchill veio no dia 30 o de Hitler, na data comemorativa da ascensão do seu partido ao poder. Se o primeiro ministro inglês corajosamente fez, para a opinião britânica, as liquidações da sua atitude na condução da guerra, o Führer em Berlim proferiu uma das suas orações mais perfeitas e de alto valor histórico que podem igualmente considerar-se — na hora em que surge o bloco das Américas, e em que no Pacífico, com as batalhas de Macassar e de Singapura, a guerra entra em reacções importantíssimas — verdadeiras liquidações das suas responsabilidades na chefia do Terceiro Reich.



HITLER

As retaguardas fizeram ouvir clamores. Os dois homens, os dois rivais dominadores, voltam-se para elas a dizerem de sua justiça.

Hitler, ao contrário de Churchill, não explicou desta vez as razões dos seus actos militares nem o curso dos acontecimentos. Ao de leve tocou, por mera e assás indirecta referência, na substituição dos comandos pelo seu único e total. A Campanha na Rússia inspirou-lhe sómente palavras animosas para justificar que o seu exército passasse à defensiva e prometer que chegada a primavera, retornaria ao ataque a fundo.

A campanha na Líbia não lhe serviu senão para elogiar, como justo é, a contravolta feliz das armas de Rommel às portas da Cirenaica. A guerra no Pacífico deu-lhe aso a exaltar, como cumpria, o arranço japonês pelo qual se felicitou em especial por o haver dispensado da iniciativa de declarar guerra aos Estados Unidos. Do futuro da guerra, nem um sópro.

Hitler colocou-se de mais alto. Historiou a razão da guerra — desta guerra que, no seu pensamento, é a continuação da de 1914, ambas originadas pela sanha inglesa de estrangular a Alemanha e cortar a sua evolução histórica de reintegrações sucessivas das *marcas* limitrofes e das zonas económicas de expansão vital, indispensáveis à unidade do Reich.

Disse à Alemanha que sofre, o que o nacional-socialismo realizou no campo social, atacando com especial relêvo e intenção a chamada República de Weimar, a democracia de Ebert a Hindemburgo e os regimes anteriores em que ela se revelou. Resposta a objecções no campo de crítica política, como as de Churchill no terreno dos factos? Assim nos parece antes o seu discurso aos alemães, vibrante como uma página de Fichte. Por isso mesmo se esclarece que à Conferência do Rio não desse atenção directa. Foi para os alemães que êle disse que não exigiu «que a ideia nacional-socialista se difunda no estrangeiro» visto que êle não vive para «se preocupar com a felicidade dos outros povos», senão com a do seu próprio. E foi para os alemães que lançou estourtas palavras que relembram as negativas do *Schwarzer Korps* a respeito da defesa da Europa contra o bolchevismo, e as de Goebbels há poucos meses: «Como esta guerra terminará, não sei. A guerra terminará. Não sei. Mas há uma coisa da qual estou certo: onde surgir um inimigo pós o batermos durante este ano».

A Alemanha de Hitler está hoje nestas expressões.

A Alemanha de Hitler está hoje nestas expressões.



A VOZ DE LONDRES

— fala e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas	Noticiário	Estações	Ondas curtas
12,15	Noticiário	GRZ	13,86 m. (21,64 mc/s)
		CSO	19,76 m. (15,18 mc/s)
12,30	Actualidades	GRV	24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*)	Noticiário	CS C	31,32 m. (9,58 mc/s)
		CS B	31,55 m. (9,51 mc/s)
21,15 (*)	Actualidades	GRT	41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,1 metros (1,149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Criai o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C. A' venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.



O NOVO MINISTRO DA ROMÉNIA EM LISBOA, Victor Cadere, à porta do Palácio de Belém, após a entrega das suas credenciais ao Chefe do Estado.



A contra-ofensiva
do general **Rommel**
no norte de **ÁFRICA**

O GENERAL ALEMÃO ERWIN ROMMEL, comandante das tropas germano-italianas em operações no norte de África, que lançou agora, a partir de Jeddábia, uma vigorosa contra-ofensiva e de quem o Primeiro Ministro inglês, Churchill, disse no seu recente discurso da Câmara dos Comuns: «Temos na nossa frente um inimigo ousadíssimo e, se me é permitido dizê-lo em plena batalha, um grande general, Rommel recebeu certamente reforços e está, neste momento, a travar-se uma nova batalha». A foto mostra-nos o grande militar alemão, com o seu Estado Maior, num posto de observação da Cirenaica.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Terrão *

capítulo V * A guerra relâmpago

1

A INVASÃO DA NORUEGA

COM o alvorecer da primavera de 1940, tornou-se evidente que o Reich, cuja preparação militar se intensificara ao longo de um inverno tranquilo, se preparava para atacar. As frotas tinham-se multiplicado em termos de criar uma confusão permanente em Londres e em Paris. Tinham-se esboçado tentativas junto à fronteira da Bélgica e da Holanda. A linguagem usada pela diplomacia alemã nas capitais balaônicas não era amena. A pressão económica, que aumentava em Bucareste e em Belgrado, constituía um indício que os dirigentes franceses e ingleses seguiam atentamente. Ao mesmo tempo, a animosidade latente entre a Alemanha e a U. R. S. S., longe de diminuir, agravava-se com a campanha da Finlândia.

Onde já a Alemanha atacar? Os serviços de informações nos países interessados funcionavam de maneira deficiente. Apenas um ou outro homem de Estado tinha a noção do que efectivamente se preparava. Um ataque frontal à linha Maginot parecia impossível. Mas o Estado Maior alemão não se resignaria por certo a uma longa inactividade. Não estava isso nos seus métodos nem na sua tradição.

Entre todos, Winston Churchill denunciava o seu pensamento profundo num discurso radiodifundido para os países neutros da Europa, cuja sorte profetizava com tristeza:

«Esses pequenos Estados não podem deixar de merecer o desprêzo do Reich. Cada um deles pergunta a si próprio qual será a primeira vítima. Um oficial alemão fez uma aterragem forçada na Bélgica e são-lhe apreendidos documentos sobre uma eventual invasão daquele território. Na Roménia reina a maior inquietação. A intriga alemã procura minar a solidariedade dos eslavos do sul. Os sulços desejam defender o seu solo. Os holandeses vigiam ao longo dos seus diques. Os escandinavos não sabem se, dum momento para outro, cairão sob o jugo nazi. No fundo todos acreditam que a tempestade os poupará. Que ilusão! A tempestade há-de esmagá-los e dispersá-los. Outro seria o seu destino se soubessem unir-se, apoiar a França e a Inglaterra e empreender uma acção comum.»

Seriam, de facto, alguns pequenos países europeus do norte e do ocidente da Europa os primeiros a experimentar o péso das armas alemãs na ofensiva esmagadora que se preparavam para desencadear.

A ESTRADA DO FERRO

A máquina de guerra alemã, aperfeiçoada e funcionando a pleno rendimento, tinha desde o início das hostilidades um motor de primeira ordem cujo funcionamento regular era indispensável para a sua manutenção e para o seu triunfo. Esse motor estava, porém, fora do Reich. Era constituído pelos riquíssimos jazigos de minério de ferro da Suécia. Este país, vendo a guerra aproximar-se das suas fronteiras, procurava, através de tudo, salvaguardar a independência, conservando uma neutralidade que se não era juridicamente perfeita constituía, de momento, a única salvaguarda para os seus fins. A Escandinávia só podia contar com a rivali-



O rei Haakon da Noruega

dade germano-russa como factor essencial da sua segurança. Desde que o Reich e a U. R. S. S. se tinham entendido para partilhar o despojo polaco e a sua solidariedade, pelo menos aparentemente, se mantinha para liquidar amigavelmente a Finlândia, aos suecos restava apenas o recurso de se encerrarem no limite das suas fronteiras desde que não quisessem seguir o conselho de Churchill arriscando tudo no conflito das grandes potências.

Como esta solução fôra posta de parte pelos ministros e pelo parlamento da Suécia, esta satisfazia pontualmente os pedidos do Reich em minério de ferro. Como a esquadra inglesa não podia arrancar-se nos campos de minas do Báltico, em Londres e em Paris compreendiam esta atitude, embora um ou outro dos seus dirigentes concluisse que ela se revelaria fértil em resultados desastrosos.

O problema dos transportes complicava o problema do fornecimento do minério de ferro. Dado o escasso rendimento dos caminhos de ferro suecos e o preço excessivamente elevado do frete, o minério exportado da Suécia continuava a seguir em tempo de guerra o caminho que habitualmente percorria em tempo de paz. Era levado por terra até o porto de Narvik e aí embarcado para os portos do norte da Alemanha. Para que este regime funcionasse com regularidade e proveito, era indispensável a aquiescência do governo norueguês. Essa aquiescência nunca fôra negada. A estrada do ferro corria assim das minas suecas de Kiruna, até Narvik e depois ao longo das águas territoriais norueguesas, cuja violação era evidente de cada vez que a percorriam os transportes alemães que

levavam o minério de ferro.

OS CAMPOS DE MINAS

O Almirantado britânico reconheceu rapidamente que um tal estado de coisas impedia o funcionamento eficaz do bloqueio. Com a subida ao poder do gabinete Reynaud, a conselho de guerra dos aliados entrou numa fase de nova actividade e assentou em que se deveria cortar, o mais rapidamente possível, a estrada por onde era conduzido até aos portos alemães o minério de ferro vindo dos jazigos de Kiruna.

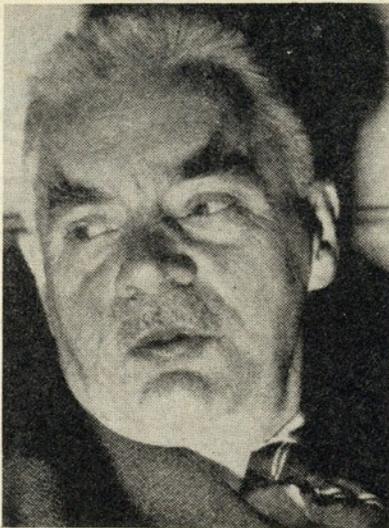
Na noite de 7 para 8 de Abril, os aliados ocidentais cortaram ostensivamente essa estrada, no seu percurso marítimo, a partir do porto de Narvik, colocando em três pontos das águas territoriais norueguesas campos de minas. O primeiro foi colocado à saída daquele porto, entre a ilha Lamdegode e a costa; o segundo estava a uma distância de 400 km. do primeiro, em direcção ao sul, por alturas de Bud, num local onde a costa penetra profundamente no mar e as águas são baixas; o terceiro ficava 100 km. mais ao sul e impedia a passagem de navios nas alturas do cabo Statland. As barragens de minas, cada uma das quais ocupava uma superfície aproximada de 100 km.², obrigavam os transportes alemães a dar uma volta para os evitar. Eram assim levados a ultrapassar o limite das águas territoriais norueguesas, penetrando no Oceano e expondo-se à acção dos navios da esquadra inglesa.

As estações de rádio francesas e inglesas fizeram uma aviso à navegação. Em Berlim tinham sido ordenados preparativos que se encontravam muito adiantados ou na previsão daquela eventualidade ou porque no programa de realizações preparado para a primavera a ocupação da costa atlântica da Escandinávia constituísse um ponto assente. Forças terrestres especializadas para a guerra nas montanhas, navios de guerra e mercantes com as tripulações especialmente adestradas e os corpos de desembarque instalados a bordo, formações aéreas com tripulações adequadas, todo o arsenal dum offensiva em forma estava a postos e preparado para operar uma vez que fôsse dado o sinal de partida. Esse sinal não se fez esperar. Uma vez dado, todo o mecanismo da invasão se pôs em movimento com uma precisão de relógio. Depois da prova excepcionalmente brilhante que dera na Polónia, o exército do Reich ia afirmar a sua preparação na Escandinávia.

UMA DILIGÊNCIA DIPLOMÁTICA

As 4 e 30 da madrugada de 9 de Abril, o representante do Reich em Oslo, dr. Brauer, pediu uma entrevista urgente ao ministro norueguês dos negócios estrangeiros, dr. Koht. Entregou-lhe um documento escrito em que se continha uma série de pedidos. O documento entregou ao dr. Koht dizia que, enquanto a França e a Grã-Bretanha para fazerem a guerra violavam sistematicamente as fronteiras e não respeitavam os direitos soberanos e a independência dos pequenos povos, a Alemanha, pelo contrário, desejava proceder de maneira diversa. O governo alemão tinha em seu poder documentos que provavam a intenção dos aliados de estenderem à Noruega o campo das hostilidades ocupando Narvik. Segundo os referidos documentos, a ocupação de Narvik deveria realizar-se dentro dum curto prazo.

O governo norueguês, segundo o memorando entregue pelo dr. Brauer, não estava em condições de se opor a essa operação. A Escandinávia transformara-se num campo de batalha. O povo no-



O dr. Koht, antigo ministro norueguês dos Negócios Estrangeiros

norueguês seria directamente afectado por esse facto. A Alemanha veria ameaçada a sua segurança e prejudicados os seus interesses mais directos e vitais.

O governo alemão não esperaria que os aliados pusessem em prática o seu plano. Antecipar-se-ia à acção franco-britânica e, para isso, tomara já algumas medidas de precaução que considerava tão necessárias como urgentes. Desses conjuntos de operações preventivas assentes pelo Estado Maior alemão fazia parte a ocupação de determinados pontos estratégicos na costa norueguesa e no interior do país. As medidas assim postas em prática, acentuava o memorando alemão, tinham um carácter transitório e deviam vigorar apenas durante o período da guerra.

As tropas alemãs não desembarcavam na Noruega como inimigas. Desejavam respeitar os direitos soberanos da nação norueguesa, as suas instituições e os seus costumes. A culpa do que acontecia devia imputar-se exclusivamente à França e à Inglaterra. O governo do Reich estava convencido de que a acção preventiva que desencadeara, e que estava em curso, ao mesmo tempo que servia os seus interesses, se devia traduzir por uma vantagem incontestável para o povo da Noruega. O Reich tomava assim a iniciativa de proteger este país durante um certo tempo. Com o memorando, foi entregue uma nota em que se especificavam as providências de ordem militar tomadas, a que o governo de Oslo devia dar a sua colaboração.

O ASSALTO AOS PORTOS

O professor Koht informou os seus colegas do conteúdo do memorando alemão e da nota anexa que continha as propostas militares formuladas pelo governo de Berlim. O conselho de ministro norueguês entendeu que estas não podiam ser aceites por um povo independente que desejava, acima de tudo, manter os seus direitos soberanos. Quando o dr. Koht comunicou esta resposta ao representante do Reich, lembrou-lhe que, no seu último discurso, o Fuehrer afirmara que um povo que se deixa submeter, sem protesto, ao domínio de estranhos e não esboça contra êle a mais ligeira resistência não deve subsistir. «Nós — concluiu o professor Koht — desejamos viver na honra e na independência. Tendo sido assim rejeitado o memorando alemão, que o governo norueguês considerava como um ultimato, só restava dar livre curso à acção militar. Esta encontrava-se já em pleno desenvolvimento.

Para a Noruega e para, nos termos do memorando alemão, assegurar a sua protecção, tinham sido enviadas forças terrestres superiormente comandadas pelo general Falkenhovst, unidades navais sob o comando do almirante Carls e formações da arma aérea que se encontravam sob os ordens do tenente-general Geissler. A esquadra alemã abandonara o Báltico e fora assinalada ao meio dia de 8 de Abril dobrando a ponta oculta da Jutlândia e seguindo em direcção às costas norueguesas. Ao mesmo tempo, formações do exército do Reich ocupavam, igualmente a título de o protegerem, o território da Dinamarca, cujo soberano e cujo governo resolveram aceitar a protecção que lhes era oferecida. Enquanto alguns alemães faziam a sua aparição a noroeste da Finlândia e desembarcavam tropas de ocupação em Middelfart, outras tropas penetravam no Slesvig; a parte oriental da Dinamarca era atacada por Copenhagen e a capital, depois duma resistência simbólica em alguns pontos do território dinamarquês, entregava-se sem

condições.

Simultaneamente, a Noruega era invadida por uma extensa frente que ia de Oslo a Trondheim. Na parte sul desta frente de combate, Oslo foi ocupada depois dum encarniçado combate. Na parte oeste da mesma frente os alemães ocuparam, com uma rapidez fulminante, os principais portos da costa, Stavanger, Bergen e Trondheim. Sucessivamente a ocupação estendeu-se a Christiansand e a Narvik, completando-se assim a execução dum plano maduramente estabelecido e superiormente executado.

A INTERVENÇÃO DOS ALIADOS

Trondheim, Bergen e Oslo constituem os vértices dum triângulo que no maciço norueguês, quasi totalmente impraticável para operações militares em larga escala, aparecem ligados pelo caminho de ferro. Bergen está na latitude das Orcadas, no centro da Escócia, e a uma distância de 450 km, daquele grupo insular. É uma hora de voo para os modernos aparelhos de bombardeamentos. Trondheim está na latitude da Islândia. Ocupando os dois portos, os alemães rasgavam, longamente, uma varanda que os punha em contacto com o Oceano, ameaçando directamente as costas setentrionais da Grã-Bretanha.

Logo que se iniciaram as operações, seis contratorpedeiros alemães instalaram-se num ponto que ficava a mais de 200 km. do círculo polar no fiord de Narvik. No dia 10 dava-se o primeiro encontro entre essas unidades ligeiras da esquadra alemã e cinco navios britânicos do mesmo tipo que as foram atacar. O combate foi animado mas não conduziu a qualquer resultado pratico. Os contratorpedeiros ingleses iam em missão de reconhecimento e retiraram-se logo que verificaram a superioridade do antagonista, embora recolhendo as informações que lhes interessavam.

O combate, isolado, a uma distância enorme dos centros populosos da Noruega, era um episódio duma acção mais vasta empreendida pela «Home Fleet». Esta saíra para o mar logo que ao Almirantado chegaram notícias precisas sobre o desembarque de contingentes inimigos na costa norueguesa. Esperava-se entre as duas esquadras uma batalha decisiva. Os alemães souberam evitá-la hábilmente, embora à custa de prejuizos sensíveis. Mas o que houve na realidade foi uma série de encontros parciais que, embora conduzidos vantajosamente para os ingleses, se não traduziram por um resultado decisivo.

Os alemães estavam senhores dos portos e dos aeródromos noruegueses. Os ingleses dominavam o mar e, favorecidos por esta circunstância, estavam em condições de tentar um ou mais desembarques auxiliados pelos elementos locais que, em obediência às ordens do seu soberano, se opunham, por toda a parte, à penetração alemã. No dia 13 de Abril, realizaram, com êxito, um desembarque em Narvik. Logo a seguir tentaram uma operação idêntica em Trondheim desembarcando no porto de Namsos.

OS PRIMEIROS REVEZES E O REEMBARQUE

Para dominar a guarnição alemã que ocupava Trondheim, os aliados desembarcaram igualmente tropas ao sul daquela cidade, em Andalsnes. Durante os dias 18 e 19, desenvolveram-se violentos combates, em que os alemães eram, ao mesmo tempo, atacados, ao norte e ao sul, pelos contingentes aliados desembarcados em Namsos e em Andalsnes. Conseguiram deter o ataque vindo do norte, em Steinkjoer. O ataque partido do sul não teve melhor sorte. Os atacantes penetraram no dédalo montanhoso e foram repellidos em Dombas. A sua situação começou a tornar-se critica perante a ameaça de uma coluna alemã que saíra de Oslo em direcção ao norte.

Depois de porfiados combates, a situação militar no fim de Abril aparecia suficientemente clara para se poder concluir por uma série de revezes dos aliados. Em Namsos tinham desembarcado 4.200 homens, quasi todos franceses. A linha Namsos-Trondheim estava confiada à guarda dos ingleses, num total de 6.000 homens, comandados por um veterano da grande guerra e das campanhas coloniais, o general Carton de Wiart. A sudoeste de Namsos tinha-se concentrado uma brigada inglesa, do comando do brigadeiro Morgan. O conjunto das operações contra Trondheim fora entregue à direcção do general inglês Massy. Os franceses, por seu turno, tinham 4.000 homens em Narvik. O total das forças aliadas desembarcadas não excedia 25 mil homens.

Os alemães conseguiram fazer rapidamente a junção da coluna que partira de Oslo com as tropas que se encontram em Trondheim, inutilizando, com um golpe rápido, a tentativa de cerco em volta desta cidade. Mas o que decidia do curso dos combates locais, alguns deles travados com grande bravura dum e doutro lado, eram a superioridade numérica da aviação alemã e a utilização eficaz dos aeródromos noruegueses de que os invasores oportunamente se tinham apoderado. O número de aparelhos alemães empenhados nas ope-

rações da Noruega era superior a seiscentos.

Perdida a batalha de Trondheim, de cujo êxito dependia a sorte da guerra da Noruega, o governo inglês, retido na manhã de 26 de Abril, resolveu reembarrar os seus soldados, o que começou a fazer-se, em condições difíceis, no dia 2 de Maio, prolongando-se durante mais de vinte dias, depois de o plano britânico ter obtido a aprovação do governo inglês.

O FIM DA RESISTÊNCIA

Entretanto as tropas norueguesas, repelidas para as regiões montanhosas no interior do país, continuavam a combater. O governo e o parlamento refugiaram-se, sucessivamente, em Hamar, Elverum e Eidsvoel. Entre alguns dos seus membros e os chefes das forças alemãs prolongaram-se as conversações, que não conduziam a qualquer resultado. O rei Haakon recusou-se a demittir o gabinete presidido pelo sr. Nygaardsvold, que tinha a sua confiança e a do Storting e não aceitara igualmente a sugestão para constituir um governo de elementos nazis que deveria ser presidido pelo major Vidkun Quisling.

O soberano aconselhou aos seus subditos uma resistência activa de que êle próprio deu, a partir de certo momento, o exemplo. O major Quisling colocou-se, com alguns dos seus amigos, decididamente ao lado dos alemães, prontificando-se a auxiliá-los e a constituir, sem o assentimento régio, um governo da sua presidência. Pela primeira vez o plano de guerra alemão utilizava, em larga escala e com efeitos decisivos, o auxilio de elementos locais que se puseram ostensivamente ao lado dos invasores e ficaram conhecidos pela designação genérica de «quinta coluna».

Junto do rei Haakon e dos seus ministros fizeram os alemães e os noruegueses simpatizantes com a sua causa diversas diligências a que o soberano respondeu, sistematicamente, com uma recusa formal. Em 7 de Junho, o rei, acompanhado por seu filho o príncipe Olavo, embarcou no navio inglês «Devonshire» e seguiu para Londres, onde se lhe foram juntar os membros do seu governo. Em 27 daquele mês, a mesa do Storting dirigiu-lhe um convite formal para abdicar, afim de facilitar as relações entre as tropas de ocupação e as autoridades locais. O soberano respondeu numa carta



O general Falkenhovst, que commandou as forças terrestres enviadas para a Noruega

datada de 3 de Julho, opondo, mais uma vez, ao pedido uma recusa formal e afirmando o propósito de continuar a defender no exílio a causa da independência do país.

«A liberdade e a independência do povo norueguês — dizia-se nesse documento — é o meu primeiro dever que, jurando a Constituição, me comprometi a executar fielmente. Sinto que correspondo, no exílio, inteiramente a essa obrigação do meu cargo, fazendo todos os esforços para que o país cuja direcção me foi confiada em 1905 volte de novo a ser livre e independente.»

(Continua)

(Rigorosamente proibida a reprodução, mesmo parcial).

DIE WEHRMACHT

HERAUSGEGEBEN VOM OBERKOMMANDO DER WEHRMACHT



Ein deutscher Skipatrouille bewegt sich durch die Schneebänke der Ostfront

«Die WEHRMACHT», a maior revista militar do mundo, editada pelo Alto Comando da Força Armada Alemã, mostra a guerra em todas as frentes. À venda o n.º 2 — Exemplar Esc. 2\$50

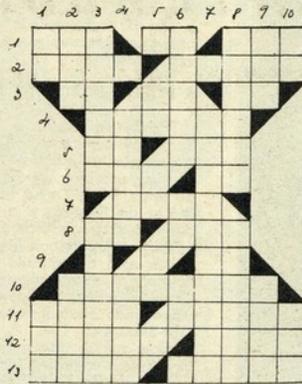
Sinal



À venda o n.º 2 de 1942

«SINAL» a revista ilustrada da Europa que sempre informa bem. 48 páginas brilhantemente ilustradas e colaboradas. Páginas a cores. — Preço de venda — Esc. 2\$00.

VARIEDADES PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 11

HORIZONTAIS: 1—Haste de espada; Entre aquela gente; Interj. de quem reprende. 2—Pasto; Direito. 3—Caracteres que pluralizam a representação fonética da primeira letra do alfabeto; Anel muito delgado; Porco. 4—Lutar. 5—Adeus; Governanta. 6—Emir; Certo. 7—Notícia imprevista. 8—Interj. de quem estimula; Vogal; Consoante. 9—Abrev. de masculino; Consoante; Nota musical. 10—Tornara convexo. 11—Bonito; Idiota. 12—O dia do nascimento; Cidade e pórtio da Arábia. 13—Levantar; Pessoa que está ardendo em febre.

VERTICAIS: 1—Base; Nome de mulher. 2—Combine; Sob condição. 3—Gabam; Impinja. 4—Vogal; Dissipação; Escolher. 5—Cinqüenta, em numeração romana; Quadrúpode da América; Letra grega; Banto; Consoante. 6—Concubina; Passe; O lado do vento; Abrev. de Bom. 7—Vogal; Amontoa (dinheiro); Procurar. 8—Penetram; Que têm falha. 9—Continuado; Lígues. 10—Preposição e artigo; Nome de mulher.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 10

HORIZONTAIS: 1—Táctico; Deferir. 2—Notara; Lá; Exaras. 3—Amavam; Topa; Libata. 4—Marar; Cocara; Rodar. 5—Oras; Camarada; Sôra. 6—Rás; Sáfara; Sai. 7—Tal; Rata; Ana. 8—Dicar; Só; Améga. 9—Carecer;

Abarata. 10—Amarela; Ratonas. 11—Arara; Mò; Rasas. 12—Ara; Faca; Sòr. 13—Dac; Caruma; Val. 14—Apór; Mariposa; Cama. 15—Natal; Rodara; Moram. 16—Aridos; Lodo; Fucaro. 17—Lanêdo; Sa; Oneras. 18—Ramosos; Arrimar.

VERTICAIS: 1—Namorar; Badanal. 2—Tomara; Cá; Apacar. 3—Ataras; Dama; Rotina. 4—Cavas; Tirara; Radem. 5—Irar; Macerara; Lôdo. 6—Tam; Lacera; Sòs. 7—Cás; Relá; Car. 8—Tomar; Rá; Farol. 9—Locaças; Maridos. 10—Aparato; Ocupada. 11—Arara; Ar; Amoro. 12—Ada; Abar; Asa. 13—Fel; Amatás; Fôr. 14—Exir; Onerosos; Muni. 15—Rabos; Aganar; Cocem. 16—Irados; Atas; Varara. 17—Ratara; As; Amamar. 18—Saraiva; Cálamos.

SOLUÇÕES DO PROBLEMA N.º 9

HORIZONTAIS: 1—Oxigala. 2—Eculo. 3—Ita. 4—Em; Per; Rá. 5—Ruano; Asnis. 6—Assi; Aedo. 7—Seios; Cimos. 8—Lu; Eco; Ro. 9—Arú. 10—Frito. 11—Brasões.

VERTICAIS: 1—Xerasia. 2—Museu. 3—Ast. 4—Xe; Nio; Fr. 5—Icipó; Seara. 6—Gute; Cris. 7—Alara; Couto. 8—Ló; Sai; Oe. 9—Nem. 10—Ridor. 11—Gasosos.

NOVOS MODELOS

Noite — Pequeno.....	8\$00
» Grande.....	10\$00
Dia — Pequeno.....	8\$00
» Grande.....	8\$00

Envia-se pelo correlo com parte grátis



ASPECTO DO FUNERAL DOS AVIADORES INGLESES mortos quando da aterragem forçada dum bi-motor ocorrida há dias próximo de Sezimbra.

Classificação da guerra actual

GUERRA INTERCONTINENTAL? NÃO

Conflito universal desenvolvido através dos cinco continentes e oceanos.

Pelo tenente-coronel Lello Portella

a) Características do conflito

MUITO se tem glosado sobre o carácter genérico do actual conflito.

Dois pontos há, contudo, sobre os quais parece não haver divergências: um refere-se ao carácter de «totalidade» dos meios lançados na luta, e o outro à «universalidade» dos sectores que esta abrange.

Há quem já tenha pretendido classificar, sob o ponto de vista geográfico, o presente conflito como representando uma luta entre continentes.

Tal classificação parece-nos imprópria por se prestar a equívocos, quanto à natureza dos elementos em luta, e induzir necessariamente em erro quanto ao seu carácter político, à sua genese e aos seus objectivos.

Por tal motivo, julgamos de interesse geral procurar definir, com mais precisão, a natureza desta guerra.

Chamar-lhe «guerra intercontinental» pode levar a pensar-se que os diferentes continentes se encontram reunidos em blocos separados e homogêneos, empenhados numa luta uns contra os outros, e defendendo interesses próprios e comuns a cada um deles.

Isto significaria incompatibilidade total e absoluta de entendimento, opposição de interesses morais e materiais entre as cinco grandes regiões em que o Mundo se divide geográficamente.

Ora a verdade é muito diferente; não existe nem incompatibilidade moral, nem divergências económicas, que oponham os diferentes continentes, em bloco, uns contra os outros.

Pelo contrário, os recursos duns servem a satisfazer reciprocamente as necessidades dos outros.

E se esta interdependência económica é um facto, a interpenetração moral e o intercâmbio espiritual constituem uma realidade ainda mais forte.

De resto, cada um dos continentes, tomado separadamente, não forma um bloco homogêneo moral e económico.

Cada continente reúne em si um agrupamento geográfico de povos diferentes na raça, na mentalidade, na cultura, no espírito, com interesses morais e económicos distintos, e muitas vezes contrários.

A própria genese do actual conflito vem demonstrar, de forma evidente, a verdade que acabamos de enunciar.

Não foi a incompatibilidade de interesses globais, de cada continente, que deu origem à guerra actual.

Esta nasceu da opposição de interesses e de concepções particulares entre os povos constituintes do continente asiático, primeiro, e do europeu em seguida.

Foi na Ásia que a opposição sino-nipónica e sino-russa iniciou o conflito.

Na Europa, a divergência de interesses, de aspirações e de mentalidades entre alguns dos seus povos ateu aqui a fogueira.

Se na Ásia apenas se apercebia um pequeno brasero, que poderia ter sido facilmente extinto em devido tempo, na Europa, as labaredas foram crescendo e alastrando-se, de forma a abraçarem em breve o mundo inteiro.

A guerra europeia nasceu do conflito entre dois grupos de nações, que se reuniram na defesa de dois princípios ou doutrinas opostas.

Dum lado, agruparam-se nações que pretendiam aumentar a sua zona de influência em benefício dos seus próprios povos, alargar o seu domínio, de forma a assegurar-lhes melhores facilidades de vida.

Assim nasceu a teoria do «espaço vital», que tinha de ser obtido pela lei natural da força.

Para tal concentraram-se os esforços totais dos seus povos e organizaram-se os meios e as formas de aplicação dessa força.

Estes povos invocaram, para apoio da sua tese, diferenças raciais, com a consequente hierarquização que conduz à criação de privilégio em seu benefício.

Do outro lado, agruparam-se os povos que pretendiam defender o que possuíam; os seus territórios de habitação, a sua autonomia política, a liberdade de dispor dos seus próprios destinos em conformidade com os seus hábitos particulares e o seu espírito próprio.

Quere dizer: contra a doutrina do «espaço vital» e do «privilégio racial», que tende ao estabelecimento dum hegemonia preferencial sobre todo o continente surge, em opposição, o princípio do agrupamento dos povos em comunidades nacionais autónomas com características próprias que formavam a estrutura política europeia.

É a guerra contra o «nacionalismo», consubstanciada na idéa da «Pátria», que implica o respeito da independência da comunidade nacional. É a luta entre povos possuidores e satisfeitos e povos insatisfeitos que aspiram a possuir mais.

Por esta razão, desapareceu a histórica Austria, como país independente, a Checoslováquia viu os seus territórios desmembrados, a Polónia foi invadida e conquistada, a Dinamarca, ocupada, a Noruega, a Holanda, a Bélgica, a França, a Jugoslávia e a Grécia foram invadidas, ocupadas e dominadas militarmente, e, finalmente, parte do território russo é também invadido e ocupado.

A guerra, na Europa, continua ainda em território russo e iugoslavo, onde os povos continuam a luta de resistência.

Como se vê, a maioria dos povos europeus foram e continuam a ser dominados pela força, conduzida e aplicada em uma série de acções distintas e particulares.

É esta a posição actual do Continente, sem que até à data se conheça, com precisão, qualquer espécie de projecto que pretenda definir a estrutura política futura da Europa.

b) Situação europeia

Representará este estado presente a opinião dos diferentes povos europeus?

Todos os dias a imprensa nos informa de actos de sabotagem e atentados cometidos, apesar da presença da força militar ocupante, que são reveladores do estado de espírito desses mesmos povos.

Nesta condição, poder-se-á afirmar que a Europa possui um ponto de vista unânime na luta em curso?

Decerto não.
Poder-se-á ainda declarar que a mesma Europa esteja inteiramente unida por um interesse comum contra os outros continentes?

Estarão os interesses económicos,

morais e espirituais dos diferentes países da Europa solidariamente unidos e ligados?

Parece-nos não haver erro maior do que pretender afirmar ou estabelecer tal ideia.

E a razão está precisamente no facto de que os diversos países europeus, tomados isoladamente, têm características próprias de raça, cultura, costumes, tradição, mentalidade, espírito e interesses que os separam e distinguem entre si.

Estas características advêm-lhes da geopolítica que determinou a sua história.

A geografia fixa, em geral, a vida espiritual e a actividade económica de cada povo, dando assim origem à formação da sua própria história.

Assim, as Ilhas Britânicas e as penínsulas escandinávica, itálica e ibérica, por exemplo, possuem interesses espirituais e económicos muito diferentes dos outros povos do continente, e contudo, geográficamente, pertencem à Europa.

A sua posição geográfica marcou-lhes, porém, o seu destino e a projecção natural das suas actividades.

c) Posição peninsular

Foi o conhecimento exacto desta grande verdade que levou portugueses e espanhóis a lançarem-se na epopeia grandiosa das descobertas e na civilização de novos povos.

O orgulho da raça portuguesa está precisamente assente nos resultados obtidos por esta lucidíssima visão dos nossos antepassados.

Graças a ela, temos uma história resplandecente de glória e magnificências, e possuímos actualmente em Africa, na América do Sul e na Ásia interesses económicos vitais e uma estreita ligação e comunhão de valores espirituais e morais.

O mesmo acontece com a nossa vizinha Espanha.

Não estarão porventura os dois povos da península mais solidamente ligados aos nossos irmãos da América do Sul e Central do que aos países da Europa Central?

Não estará também o seu interesse económico mais íntima e directamente dependente desses mesmos povos africanos e americanos, do que do resto do continente europeu?

Poderão, por acaso, Portugal e Espanha aspirar a exercer no continente europeu qualquer influência moral ou económica semelhante à que disfrutam nas Américas ou em África?

O esquecimento desta grande verdade levou a Espanha de Carlos V e dos Felipes a esgotar-se em lutas estereis, improficuas e debilitantes no continente.

A história marca, a partir desta época, o período da sua decadência.

Não teria sido mais útil e salutar para a Espanha dispendir as forças que consumiu na luta continental, no esforço da continuação da obra iniciada com a sua actividade civilizadora na América e África?

Pela sua situação geográfica, Portugal e Espanha são essencialmente atlânticos.

Para além-mar lançámos a melhor semente do nosso espírito e empreendemos o melhor esforço da nossa actividade, e por isso d'alm-mar recebemos o prémio desse esforço na satisfa-

ção do melhor das nossas necessidades económicas.

Espiritualmente, não há na Europa país algum a quem nos prendam tão estreitos laços de paternal amizade como ao Brasil.

O mesmo se poderia dizer da Espanha em relação às repúblicas centro e sul-americanas.

Por isso estes dois agrupamentos de povos d'aquém e d'além-mar constituem uma grande e poderosa comunidade espiritual, talvez única no mundo, por não existir antagonismos de ordem material que os separem.

Não há interesses alguns, em qualquer dos continentes, que possam quebrar a estreita solidariedade moral e económica que liga estes povos irmãos.

Nada pode opor o agrupamento europeu ao americano. O Atlântico não constitui uma solução de continuidade, mas antes a sua via natural de ligação, o seu traço de união.

Já está dito e afirmado, de ambos os lados, que o mar não nos separa, antes nos une.

Este simples exemplo bastaria, por si próprio, para demonstrar o erro que se praticaria se quisessemos classificar o presente conflito como uma luta entre continentes.

A guerra actual tem confirmado, de maneira categórica, esta nossa asserção.

Basta para tanto, observar apenas o que se tem passado no campo económico.

As condições de vida dos povos continentais europeus tem sido extremamente precária, e esta situação tende a agravar-se cada vez mais, pois a miséria e ameaça de fome rodam por todo o espaço, põem em perigo o futuro das raças.

Portugal, e um pouco a Espanha, tem escapado a esta tragédia.

Não porque do continente europeu recebam os produtos de que carecem, pois é sabido que a Europa não está em condições de nos fornecer.

Graças, só e exclusivamente, à sua posição geográfica e política, Portugal tem conseguido, não só bastar-se às suas necessidades, mas tem contribuído também para mitigar muita miséria no continente.

Em virtude dos nossos recursos coloniais e das ligações económicas que possuímos em África e nas Américas temos conseguido equilibrar a nossa situação.

O Atlântico é o nosso pulmão. Graças a ele temos capacidade de resistência e condições de vida.

Com esta grande via de ligação cortada, estaríamos votados a uma asfixia lenta.

Pode, por acaso, a Europa continental fornecer-nos o trigo, o açúcar, o cacau, o café, o chá, o óleo que temos recebido da África e América?

Ou a gasolina, os oleaginosos, o carvão, o cobre, os fosfatos, o algodão, os coiros e outras matérias primas indispensáveis à nossa agricultura e indústria, ao nosso vestuário, aquecimento e energia produtora de luz, transportes, pesca e trabalho fabril?

As poucas matérias-primas existentes no continente europeu são totalmente consumidas na voragem da guerra.

Esta verificação é bastante conclusiva para nos mostrar que a Península Ibérica, e muito especialmente

(Continua na pág. 16)

A ESFERA MISTERIOSA

Grande romance policial do escritor americano

Max Felton

Especial para *Vida Mundial Ilustrada*,

(Continuação dos números anteriores)

CAPÍTULO VII

CABELOS DE MULHER



ca de impressões que tivera com o milionário durante o lapso de tempo em que o acompanhara no seu carro de luxo.

Jack Harmann logo adivinhara pela expressão do seu rosto que alguma coisa de extraordinário se passava. Na presença do desconhecido, o teimoso oriental que insistira em esperar o regresso do «detective», absteve-se de fazer sobre o assunto qualquer referência directa.

O homem moreno, numa teimosia serena e envencível, quedara instalado no seu «maple» e, como não houvesse forma de arrancar à sua amabilidade e ao seu sorriso enigmático qualquer outro pormenor de interesse sobre o muito que parecia conhecer da misteriosa história da esfera de aço, acabou o ajudante de Read por mergulhar de novo na leitura do jornal, leitura essa que lhe serviu de algum proveito, pois a sublinhou a lápis vermelho, no intuito de mostrá-la ao «detective», logo que elle chegasse.

O estranho visitante, porém, levantara-se á entrada de Charles Read e fizera uma profunda vénia. E Harmann sentiu-se na obrigação de logo esclarecer:

— Esta é a pessoa de quem te falei pelo telefone. Diz ter um assunto muito importante a tratar contigo, qualquer coisa que se prende com a esfera de aço...

O «detective» estendeu-lhe a mão, afável, que o outro estreitou efusivamente, e disse:

— Queira sentar-se. Vou atendê-lo imediatamente. E peço desculpa de tê-lo feito esperar...

— Ora essa... — acudiu, untuoso, o homem trigueiro. — Não me importo de esperar o tempo que fôr preciso.

— Um instante, que já o atendo... — disse o policia, notando que o seu ajudante o chamara de parte com um olhar.

E abeirou-se da secretária de Harmann, sobre o qual estava o «New-York Herald» aberto mostrando uma notícia sublinhada a vermelho. O olhar de Charles Read caiu sobre este título, que já era banal nas gazetas norte-americanas: **Rapto misterioso**. Depois, um subtítulo começou a alarmar o «detective»: **Desapareceu uma jovem dactilógrafa em condições enigmáticas**.

Com um pressentimento sombrio, Read devorou, em seguida, com os olhos a seguinte notícia:

Um dos casos mais estranhos última-mente ocorridos em Nova York é, com certeza, o do desaparecimento ou rapto de Dorothy Gordon, de 25 anos, dactilógrafa da casa de comissões e consi-gnações Stone, Brothers, desta cidade.

Estamos habituados aos raptos constantes que são o género de crime que está em moda. Visam, em regra, a arran-car dinheiro às famílias das vítimas. Há também os raptos por amor, mas estes em muito menor escala, ocorridos quasi sempre nas pequenas povoações provin-cianas. Mas rapto como o de «miss» Dorothy Gordon (visto que se exclue a hipótese de fuga) não encontra expli-cação plausível.

Nada há, que se saiba, que justifique uma fuga voluntária. «Miss» Dorothy Gordon vivia há anos na companhia de sua mãe velhinha, de quem era o único amparo. Era uma rapariga sossegada, de uma beleza discreta, que não dava nas vistas, e ninguém lhe conhecia na-méio. «Mister» Jack Stone, socio-gerente

gistar, com certa reserva: há anos, uma irmã mais velha de Dorothy desapareceu nas mesmas condições misteriosas. E até hoje não foi possível encontrar-lhe o rastro. Teria a gentil dactilógrafa seguido o mesmo destino?

Charles Read, finda a leitura, deixou cair o jornal sobre o tampo da secre-tária. Seus lábios, porém, cerraram-se a qualquer comentário. Estava presente um desconhecido, cujo olhar prescudator-parecia pesar-lhe no dorso. Limitou-se a murmurar entre dentes para Harmann, que lhe lançou um olhar inquiridor:

— É estranho... Bastante estranho... Mais não adiantou. Voltando-se para o visitante, disse:

— Estou inteiramente ao seu dispor.



— Um pormenor ainda, mister Raicar. Que contém a esfera de aço?

da firma Stone, Brothers, deu a seu res-peito as melhores informações: assidua, inteligente, delicada e muito trabalha-dora. Havia cinco anos que entrara para aquela casa comercial, recomendada pelo grande industrial John King, e nunca dera senão motivos de louvor nos seus patrões, que a tinham em grande estima.

A sua vida particular era, por assim dizer, transparente. Não tinha, que se soubesse, nem dificuldades financeiras, nem complicações sentimentais, que pudessem sugerir uma ideia de suicídio.

Um pormenor existe apenas, segundo contou «mister» Jack Stone, seu patrão, que pode tratar-se de simples coincidên-cia, mas que não se deve deixar de re-

O homem trigueiro e franzino, endirei-tou-se no «maple», apurou a garganta e, desencantando o seu melhor sorri-sor, pronunciou em voz suave, quasi ci-ciado:

— Desejava que me dispensasse um pouco da sua preciosa atenção, em par-ticular, «mister» Read.

E o seu olhar dirigido particularmente a Jack Harmann, significava claramente que a presença do ajudante do «detective» o constrangia. Compreendendo-o, o policia, disse:

— Deixa-me uns momentos só com este senhor, meu caro Harmann.

Este, um pouco vexado por aquela falta de confiança do estrangeiro e irri-

tado por não poder ouvir a conversa, que, pelos seus cálculos, havia de ser bem curiosa, retirou-se, batendo a porta com uma violência quasi indelicada. Mas o homem moreno não notou, ou fingiu não notar a má vontade do jovem; bai-xou o tom de voz e proferiu:

— Venho convidar «mister» Read a prestar-me o concurso da sua grande in-teligência e do seu extraordinário tacto policial.

O «detective» inclinou ligeiramente a cabeça, agradecido pelos adjectivos elogi-osos que acabava de ouvir. O outro, depois de fazer uma longa pausa, me-tu a mão ao bolso interior do casaco, sacou de uma carteira, em que se via um complicado monograma de ouro, abriu-a com um vagar enervante e, de um dos compartimentos, retirou um pe-queño volume de papel branco. Guardou de novo a carteira, ficando com o pequenino papel na mão.

— Está aqui — disse elle, por fim — o único indício, que nos pode conduzir à descoberta do autor de um furto, de que fui vítima. Há anos, porém, que conservo em meu poder este indício, que pode ser a chave de um mistério, mas, confesso, as minhas mãos não souberam manejar a chave. Sou pouco hábil para essas coisas. Agora, o senhor, com a sua argúcia, com a sua intelligência pene-trante, há de chegar, com certeza, a uma conclusão clara.

Calou-se e começou a desembulhar, lentamente, o papel até que, aos olhos do policia, surgiu uma madeixa de cab-eleos castanhos, ligeiramente ondados.

— Ora examine, por favor... — pe-diu o visitante, passando-lhe para as mãos o papel.

Charles Read observou com atenção. Era uma madeixa de cabelos castanhos, do mais vulgar castanho que se pode encontrar na América, sedosos e finos.

— Cabelos de mulher... — disse o poli-cia, querendo restituí-los ao seu in-terlocutor.

Este, repellido-os brandamente, com sua dextra magra, delicada, pronunciou:

— Deposito-os em suas mãos. Podem ser-lhe talvez de grande utilidade, mais tarde... É um pormenor importante que não se deve desprezar.

Charles Read, pelo sim, pelo não, tor-nou a embulhar a madeixa no mesmo papel e guardou-a na sua carteira, ao mesmo tempo que dizia:

— Mas, afinal, ainda não sei qual é o objectivo da sua visita, «mister»... «mister»...

— Crisnam Raicar, um criado humil-de para o servir — acudiu o visitante.

— Perdoo-me! Eu devia principiar por fazer o minha própria apresentação. Chamo-me Crisnam Raicar. Sou natu-ral de Calcuttá, Índia Inglesa, mas resi-do nos Estados Unidos há dezasseis anos. Formei-me em medicina, em Bos-ton, com intenção de regressar à minha terra e por lá exercer a minha profissãõ... Mas... Mas, sentia-me tão bem no Novo Mundo, que fui adiando a minha via-gem de retorno, de dia para dia, e, como vê, ainda cá estou.

Deteve-se um momento, numa pausa, como se quisesse tomar fôlego, e prosse-guiu:

— Provavelmente, estou a maço-lo com estes pormenores...

Read exprimiu por um gesto, que não, que, pelo contrário, lhe agradava escu-tá-lo, e a hindú prosseguiu:

— Claro que não é só o muito amor que criei à América onde aperfeiçoei a minha instrução, o principal motivo que anda me retém aqui. Há outro razão, decerto mais forte do que essa: é que não queria voltar à Índia sem levar comigo um objecto que trouxe de lá e ao qual tenho um grande apêgo. É uma esfera de aço...

Charles Read recuou a cadeira e, de pé, ficou um largo instante a fitar Crisnam, que se interrompeu ante o seu brusco movimento. O «detective» pendeu, enfim, articular:

— O senhor falou numa esfera de aço?

— Exactamente — corroborou o hindú, com grande placidez. — Uma bola de aço... — Uma bola de aço... Já dei preendi, por uma conversa superficial que tive com o seu ajudante, que o senhor se ocupa neste momento de um assunto muito semelhante, se acaso não é o mesmo...

— Não é o mesmo; não é, com certeza — pronunciou Charles Read, tornando a sentar-se e readquirindo a sua calma.

Mil pensamentos, porém, tumultuavam no seu cérebro. Estava na presença de outro homem que se dizia legítimo possuidor da esfera que o milionário afirmava ter comprado por seiscentos mil dólares. Quem teria sido o primeiro detentor daquele objecto tão cobiçado? John King ou o hindú? E em que mãos se encontraria agora?

— Há quanto tempo deixou de ter a bola de aço em seu poder? — inquiriu êle, de chofre.

— Há uns seis anos, pouco mais ou menos — respondeu Crisnam Raicar.

Read raciocinou, num relâmpago, que era o hindú o primitivo dono da esfera.

— E vendeu-a ou roubaram-lha? — perguntou, ansioso.

— Roubaram-na! — exclamou o homem trigueiro, saindo pela primeira vez da sua calma. — Roubaram-na!

O polícia, apesar da sua grande comacção, não deixava de observar o seu interlocutor, que quebrara por instantes a sua placidez de oriental e se mostrava tão perturbado, que dir-se-ia terem assomado aos seus olhos negros umas lágrimas indiscretas.

Acudiu-lhe súbitamente uma pergunta.

— E de quem são êstes cabelos que me entregou?

— Suponho que do ladrão; ladrão e assassino — respondeu Crisnam Raicar.

— Foram encontrados nas mãos do meu criado, que, supõe-se, ao lutar com o criminoso ou criminoso, lhos arrancou, antes de ser apunhalado.

Aquela simples esfera de aço começava a assumir no espírito de Charles Read gigantescas proporções. Principiava a revestir-se de uma auréola sinistra.

— Estamos, portanto, em presença de um duplo crime: roubo e assassino. — Calou-se um momento. Depois, falando mais para si do que para o visitante, dizia entre dentes: — Claro que um exame ao local do crime, seis anos depois, é inútil.

— Absolutamente inútil — concordou Raicar. — Aliás, as autoridades estiveram lá, examinaram tudo. O único in-

dício tangível que se encontrou foi a madeixa de cabelos nas mãos do pobre Bill. Quanto ao mais: nem impressões digitais, nem fechaduras forçadas...

— E que averiguaram então as autoridades acerca da esfera?

— O outro teve um sorriso ambíguo e disse:

— Nada.

— Mas...

—...mas eu nunca me queixei de que me faltava a esfera de aço — acrescentou Crisnam Raicar.

Read lançou-lhe um olhar de assombro.

O hindú, com o seu sorriso enigmático, ajuntou:

— Não me convinha, oficialmente, acusar a falta desse objecto. Limitei-me a apresentar queixa do furto de várias jóias que o criminoso levou de caminho... Supozeram os investigadores adivinhar a falta que êle me está fazendo?

Calou-se. Charles Read estava absolutamente desconcertado. Aquele homem erguia na sua frente a mesma barreira de mistério em que John King o fizera esbarrar também. Não havia pessoas suspeitas, não havia indícios seguros, não havia instintos claros. A esfera rolava por esse mundo, fazendo vítimas na sombra, despertando ambições inconfessadas, gerando tenebrosas manobras secretas. Era de fazer enlouquecer um investigador.

— Claro que estou disposto a fixar-lhe honorários magníficos... — insinuou o visitante, com um sorriso gentil. E tirando do bolso um envelope fechado, murmurou, untuoso, entregando-o ao polícia: — Creio que vinte mil dólares para dar começo às suas investigações devem chegar. Está aí dentro a minha direcção e o meu telefone. Estou pronto a dar-lhe os esclarecimentos necessários. É só dar as suas ordens...

Read, num movimento instintivo, repleu o sôbreescrito, dizendo:

— Faremos contas no fim.

O hindú não teve coragem de insistir. Murmurou apenas:

— Como queira... Não serei homem para regatear. — E estendendo-lhe a mão: — Dê-me as suas ordens.

O polícia apertou-lhe a dextra ossuda e delicada.

— Até breve — disse êle, sombriamente.

O hindú tomou o seu chapéu, fez uma vénia e encaminhou-se para a porta, seguido com deferência pelo «detective».

No momento, porém, em que lançava a mão ao puxador, uma pergunta ocorreu a Charles Read.

— Um pormenor ainda, «mister» Raicar. Que contém a esfera de aço?

Um sorriso, o tal sorriso enigmático, aflorou aos lábios do estrangeiro.

— Como lhe disse — respondeu êle — a esfera é perfeitamente lisa e fechada.

— Como posso eu saber o que ela contém?

Read não pôde articular palavra. O outro retirou-se ainda, com uma vénia.

Quando se sentiu só no gabinete, Charles Read soltou uma praga. Aquele hindú usara quasi o mesmo palavriado que John King. O mistério da esfera de aço era fechado, impenetrável, com uma autêntica esfera...

(Continua)

DIA E NOITE...

Os inegaláveis cremes de beleza

Rainha da Hungria

velarão pela Mocidade da sua pele!

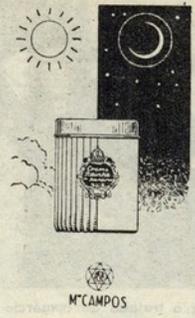
Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

M. ME CAMPOS

★

ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
LISBOA — RIO DE JANEIRO




Poupe o seu dinheiro!

NÃO O EMPREGUE NUM TRABALHO DE QUALIDADE DUVIDOSA

OS ATELIÊRES GRÁFICOS

BÉRTRAND (IRMÃOS), L. DA

Trav. da Condessa do Rio, 27 - LISBOA - Telef. P. B. X. 2 1368 - 2 1227

EXECUTA COM A MÁXIMA PERFEIÇÃO E RAPIDEZ

TODOS OS TRABALHOS DE

**FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
OFFSET E
LITOGRAFIA**

QUEM ROUBOU? ONDE ESTÁ? QUE CONTÉM?

Os leitores de «Vida Mundial Ilustrada» e do nosso folhetim policial «A Esfera Misteriosa» vão ter uma oportunidade para pôr à prova as suas qualidades de sagacidade e perspicácia.

Acompanhando a leitura da obra de Max Felton, todos podem tomar parte num curioso concurso. Basta que, até ao dia 31 de Março nos mandem, em carta fechada, as respostas a estas três perguntas ligadas com a acção do romance:

- 1.º — Quem roubou a esfera misteriosa?
- 2.º — Onde está a esfera misteriosa?
- 3.º — Que contém a esfera misteriosa?

Os leitores que acertarem com as respostas ficam habilitados a três prémios, a atribuir da seguinte maneira:

- 1.º prémio — A quem acertar com as três respostas.
- 2.º prémio — A quem acertar com as respostas a duas das perguntas.
- 3.º prémio — A quem acertar com a resposta a uma das perguntas.

CONTRA TODAS AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É UM PRODUTO MEDICINAL

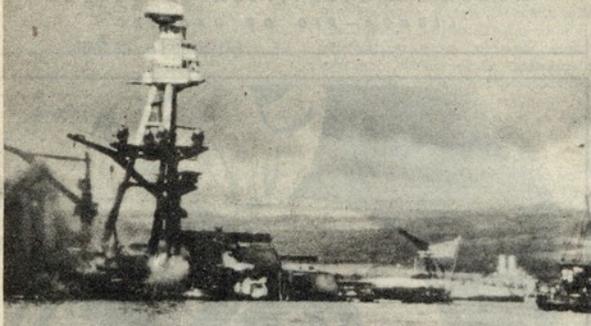


APYROL

A venda na Farmácia Estácio — Rossio e em todas as boas farmácias e drograrias



A COMISSÃO MIXTA LUSO-BRASILEIRA para o tratado do comércio entre Portugal e o Brasil que procedeu ao estudo da organização corporativa do vinho do Pôrto, à sua chegada à estação de S. Bento, na capital do Norte.



O DESASTRE DE PEARL HARBOUR: O cruzador norte-americano «Arizona» afundando-se com a bandeira hasteada, após ser torpedeado pelos japoneses.

NÚMERO 1 / BERLIM, 13 DE ENERO DE 1942

Portugal Esc. 1,50

España Pts. 1,—

PUBLICADO EN COLABORACION CON EL MINISTERIO DEL AIRE DEL REICH

MAIS UM SENSACIONAL NÚMERO

da grande revista ilustrada da Arma Aérea Alemã

O n.º 1 de 1942 publica, como sempre, extraordinários relatos O Japão desfero o golpe — Sugestivos quadros dos vitoriosos ataques das forças armadas japonesas — Samurai, o espírito heróico do Japão, etc. — Cada exemplar: Esc. 1\$50.

Classificação da guerra actual

pele Ten.-Coronel
LELLO PORTELLA

(Continuação da página treze)

Portugal, é 90 % atlântica e 10 % continental europeia.

Idênticas conclusões se poderiam tirar, se fôssemos analisar a posição das penínsulas itálica e escandinávica. Tal análise e estudo não cabem porém dentro do âmbito restrito dum só artigo.

d) Conclusão

Se fôssemos agora observar o que se passa no continente asiático, verificar-se-ia que aqui também os interesses dos seus povos são igualmente diversos e muitas vezes opostos.

Estarão os povos asiáticos unidos no mesmo ideal, ou na defesa de um interesse comum económico? Não.

A China está-se batendo contra o Japão. Uma guerra que começou em 1931, e que foi provocada por motivos idênticos aos da guerra europeia: expansão político-económica e espaço vital.

Aqui também se desenvolveu a luta contra o patriotismo das comunidades nacionais.

As Índias e a Rússia, defensoras da ideia nacional, juntam os seus esforços num bloco, em oposição ao Japão, que representa a ideia da raça privilegiada com direitos preferenciais de hegemonia.

Só no continente australiano e americano não surgiu ainda conflito entre as nações que os constituem por não haver ali povos que pretendam impôr o «privilegio social» e aumentar o seu «espaço vital».

E por esta razão os seus povos se unem solidariamente na defesa do ideal comum: liberdade nacional e respeito pela independência alheia.

Deve portanto concluir-se que não se pode considerar este conflito como uma guerra entre continentes, mas antes como uma luta entre duas concepções diferentes do «Direito».

Na constituição dos dois blocos que actualmente se opõem não existe homogeneidade, nem de raça nem de religião, nem de ideologia social ou de civilização, apenas existe uma associação de forças materiais, com o fim de obter satisfação de interesses materiais e engrandecimentos territoriais.

Estes dois blocos encontram-se reunidos em volta de dois princípios de ordem moral — com duas atitudes diferentes.

Em volta do primeiro, com atitudes ofensivas, reuniram-se os povos que

invocam o princípio do «espaço vital» e do «privilegio racial» que dá a certos povos o direito de dirigirem os outros; e em torno do segundo, em atitude defensiva, congregaram-se os povos que pretendem defender o princípio da liberdade nacional e o direito de cada povo dispor de si próprio.

A luta trava-se não de continente contra continente, mas através de todos os continentes, pois em cada um deles existe espaço vital a reclamar.

Esta guerra não é, portanto, uma guerra intercontinental, mas sim uma guerra integral e universal que tende a envolver todos os continentes.

Guerra total e mundial.

Cabelo FORTE E PUJANTE!

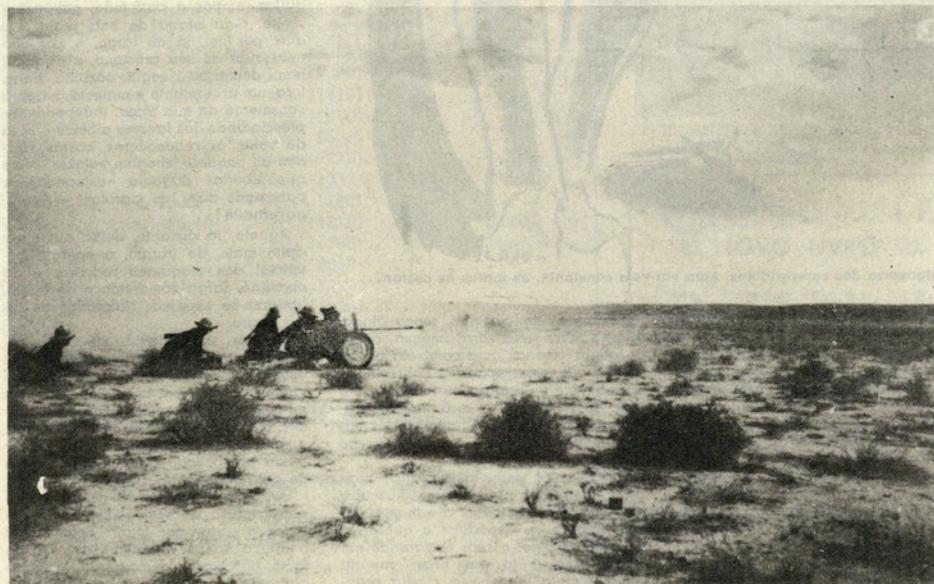
SUSPENDE A QUEDA DO CABELO. FORTIFICA-LHE AS RAIZES E ELIMINA A CASPA

PETRÓLEO QUÍMICO NALLY



ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO dos sócios antigos e modernos do Clube Naval de Lisboa.

A luta no deserto da ÁFRICA DO NORTE



VÁRIOS ASPECTOS DA ACÇÃO DAS TROPAS ITALIANAS em operações ao lado das forças germânicas, na Cirenaica. De cima para baixo: artilharia anti-tank em acção no deserto; um soldado bebendo água num momento em que a luta dá tréguas; oficiais do Estado Maior observando o campo de batalha; e uma acção de conjunto.

EMIGRANTES

PARTIDA DO PAQUETE

por *Teixeira Leite*

A partida estava anunciada para as três. Quando cheguei ao cais, já este transformava de gente. Cá fora, a extensa e interminável fila dos que compram a senha de admissão a bordo, a despejar-se dos que vão. Lá, está um agente da autoridade para manter a ordem, o que se torna desnecessário, pois que esta e disciplina não faltam. O que há, é uma aflição, um receio de chegar tarde, de já não ir a tempo.

Compra-se o bilhete à pressa, paga-se à pressa, entrega-se o mesmo nervosa e apressadamente ao empregado da Companhia, junto à porta de grades — e nem se espera pela outra metade que aquele-outro rasgou, para dar ingresso no pequeno recinto reservado aos que embarcam, atropelando e empurrando, quando não pisando, este e aquele, até cair nos braços do amigo ou parente que vai — sabe-se lá com que demora...

Lá dentro, pessoas de todas as categorias e tons.

O barulho, ensurdecedor. A algazarra dos carregadores, num vai-vem constante, as malas às costas, ajoujando ao péso da carga o largo arco-bouço, «com licença, com licença», «o cavalheiro dava-me licença?», «ó minha senhora, deixava passar!», e assim por diante — mistura-se o ruído das zorras rodando no empedrado, o businar contínuo e enervante dos automóveis, os «claxons» roufenhos dos camiónes lá fora e os guindastes descarregando contínua e ininterruptamente no porão do barco, sorvedouro medonho, estômago insaciável de gigante — dir-se-ia tamanha boca escancarada, em orgia sardanapalesca, à espera sempre de algum bocadinho mais...

Por sobre isto, ainda, o «brua-brua» animado das conversas.

O entusiasmo, que não tardará a converter-se em tristeza, está agora no auge.

Há grupos numerosos. Conversa-se enquanto não chega a hora. «Faltam ainda vinte minutos, excellentíssima senhora!» — elucida um cavalheiro para uma matrona que lhe pergunta pelas horas, um destes prestáveis e amáveis cavalheiros, que ainda os há para as ocasiões precisas, a pesar-de quanto digam para aí, cavalheiro respeitável, grave, alto e sério, muito magro mesmo, a luneta de ouro espetada, cavalgando o nariz imenso — não destes que se possa dizer «meia-idade», como se lê hoje em dia nos anúncios das graxetas, mas daqueles para quem os prazeres mais secretos da vida já passaram há muito por falta de armas com que vir a terreno nos torneios amorosos.

Aqui, conversa-se acerca das novas «toilettes» de verão, do vestido de baile que a Mimi mandou fazer, do casaco de peles que a Odette comprou para o casamento da prima...

Não há dúvida: é uma secção de loja de modas.

Perto de mim, dois velhotes; ela já passante dos sessenta, vestido todo preto, óculos de hastes em metal, os sapatos cambados; elle, mais moço decerto, a avaliar pela figura desempenada de militar reformado, pescocão de grou, entalado nuns colarinhos grossos de goma, alto e tostado (das campanhas em África) (!), o vestuário uma

incarnação viva da Torre de Babel, um paletó alvado, bastante coçado, a esfiar-se já nos cotovelos, a gola enfiada, calça de lustrina, com joelheiras, as guias do bigode, frisado, «à Kaiser», amarelos do cigarro barato, pendente, tem um risinho alvar, em que mostra os dentes ralos e cariados, negros do fumo, quando fala do exame de instrução primária que o neto realizou com distinção.

Aproxima-se a hora da partida. Já o guindaste parou a sua labuta extenuante e ingrata de atirar lastro para as entranhas do monstro inerte, impassível sempre. Já a multidão se

Agora, de pouco valem as pressas. Já não se pode entrar a bordo. «A entrada já foi vedada» — exclama um sujeito, o boné agalado de ouro, estendendo o braço, a impedir a passagem.

Neste momento trata-se de carregar as últimas coisas. Não há tempo a perder. É despachar.

O trabalho dos carregadores apressa-se. Caixotes à cabeça, embrulhos debaixo do braço, sacas ao ombro, passam rápidos, lestos como sombras, os rostos esbagoados em suor, que o calor aperta — e então aquela hora.

carga, para o convés de terceira classe.

Todo outro ruído deixa de se ouvir por instantes, para se perceber apenas o zum-zum monótono, enfadonho, das conversas, menos sonoras nesta altura, porém mais apressadas.

Chegou, finalmente, a hora. É a partida!

Fazem-se as últimas despedidas; há abraços apertados, beijos chilreados, apertos de mão nervosos, sorrisos murchos de quem faz por se mostrar forte em tais circunstâncias.

Embarcam os últimos, os retardatários, aqueles que hão-de, fatalmente, ir sempre no fim, seja onde for, cinema ou teatro. Tiram-se as pranchas, sobem-se as escadas de bordo, soltam-se amarras...

É agora; as campainhas retinem; ouve-se a seneta soar repetidas vezes.

A barcaça, gigantesca, faz ouvir seguidamente um silvo estrepitoso, a que respondem outros, e começa, então, a mover-se lentamente, pesadamente, muito roneira, a grande moicante!, como que acordando da longa sesta em que parecia mergulhada, qual gibóia dormitando ao sol, após haver engulido gazela inteira — para acudir, estremunhada, à chamada daqueles importunos, os grandes ralaços...

De bordo, esboçam-se alguns rostos sorrisos, não se sabe se de contentamento dos que partem, despreocupados, sem cá deixar alguém, se de mágoa dos que deixam saudades...

Os rebocadores principiam a faina de arrancar à inércia o monstro, que parece ainda espreguiçar-se do comprido torpor em que, por tempos, jazera, refazendo-se agora, aos poucos, à medida que se vai afastando de terra aos repouços, de esgueiha, como que desconfiado...

Afasta-se, afasta-se, muito de manso, ainda de lado, até seguir em linha recta, os rebocadores sempre atrás, fingindo persegui-lo, e tão tamaminos ao pé dele, do colosso — máquina ingente! — assemelham-se a patinhos num lago de águas límpidas e tranquilas, empós a pata-mãe, pavoneando-se, toda ufana de sua prole... té que, por fim, já ao largo, e por não necessitar do seu préstimo, a abandonam, deixando-a seguir sôzinha, barra fora, um ar flameante e majestoso, agora consciente da sua força, independente, prescindindo dos favores alheios... E, já de volta, os rebocadores, costas viradas ao paquete, chegam velozes, como que libertos daquela «estopada», e parecendo dizer, os marotos: — Agora, governa-te!

Aquele, já distante, deixa ouvir um apito mais, de triunfo, a energia potencial das máquinas redobra, e da chaminé, larga como tronco de cedro, libertam-se espessas baforadas de fumo negro.

Do cais, uma chuva de cores variadas, que se agitam, se movem em direcções várias, como se tivessem vida, chapéus no ar, mãos erguidas em gestos de despedida, lenços a acenar, a multidão que se comprime mais e mais à beira-mar, no intuito de ver ainda um pouco, e em grandes riscos de cair à água...

De bordo, corresponde-se — miselânea confusa de rostos, braços levantados a gritar por forma bem visível o último adeus (e quem sabe, se de facto, não será o derradeiro?!), lenços agitando-se em muitas direcções, faces aflitas que assomam a uma vidraça,



A algazarra dos carregadores, num vai-vem constante, as malas às costas...

comprime mais e mais, apinhados uns de encontro aos outros.

Cavalheiros e senhoras cruzam-se incessantemente numa aflição louca, só semelhante a desgraça, com receio de chegar já tarde, como quem se apressa para a primeira sessão de qualquer espectáculo de gala. Atropelam-se, pisam-se, apertam-se, empurram-se e, contudo, não há um único protesto, não se levanta sequer um queixume ou se esboça um gesto de revolta. Não! E para quê? Todos estão ali para o mesmo; não tem outro fito que não seja o de se despedirem daqueles que lhes são queridos ou, pelo menos, gratos.

Agora, é um carreão, moço ainda, que empurra uma zorra imensa, busto de atleta, apenas uma camisola pouco menos que estarrapada a cobri-lhe o tronco nu e musculoso de hércules, em que se adivinham, mal encobertas, carnações nervosas e nodosidades saientes de gladiador, de homem rijo afeito aos rudes mesteres.

Um outro, o dorso curvado, os bicipites contraídos num esforço muscular estupendo, os deltóides a saltarem-lhe dos ombros, as espáduas a quererem furar-lhe a pele, o suor escorrendo em baga, camisa já em tiras, suporta enorme mala, que conduz pela prancha de serviço rangendo ao péso da

em busca duma nesgazita donde se possa enxergar ainda um pouquinho...

Deus os leve bem!... — murmura a meu lado uma velhinha, olhando-me com uns olhos humedecidos, respirando volúpia; face bondosa de avó, expressão de mártir, fixo-a em silêncio, meditativo, pensando quantos invernos não terão passado por sobre este pobre corpo enrugado como maçã carmoesa, e que saúde a não pungirá agora à despedida...

Durante algum tempo, enquanto o paquete não se afasta por completo, é este namôro. De cá, olha-se e fazem-se sinais; de lá o mesmo jôgo — té não se perceber mais que a mole gigante de madeira e ferro, um círculo de espuma à cauda, flocos de baba açoitado-lhe os flancos; à frente o espelho verde-negro das águas, rebrilhando ao sol como ventelhas de cristais finísimos, lembra espadas de heróis fulgurantes em tarde de vitória...

Já prestes a passar a barra, vai deixando para trás sucessivamente o casario de Alfama, que ora se avista, a vetusta Mouraria, a típica Graça, enxameando de casas; lá ao alto, o Castelo e mais o Hospital de São José

jogando as escondidas; as portas de Santa Luzia a espreitarem cá para baixo; o miradouro da Senhora do monte, reclinada ao alto, num raio de sol, lembra noiva graciosa a debruchar-se para o rio, em tarde de espon-sais...; a Basílica da Estrêla, erguida bem ao alto, dominando as alturas circunvizinhas, e tão especada que parece muda de espanto; as casas do bairro de Alcântara, sujas e velhas. E a Torre de Belém, carregada de anos, agora mais branca e imponente, os revêrberos do sol a esculpirem chispas de ouro nas faces, dá a impressão de querer afastar-se para ceder passagem ao recém-chegado...

O sol, a pino, a escalda, queima como moscardos ávidos de sangue, figura-se-me mesmo ter mais brilho; e o oceano, tapete infinito de água, mar imenso de prata, cálimo, bonançoso, sossegado, todo êle remanso, parece afirmar-nos o feliz augúrio da doce velhinha.

E êle, vagaroso, seguro de si mesmo, agora mais pequeno, uma extensa fita de espuma a marcar-lhe o percurso, um fiozito de fumo a esbater-se no azul do céu como as espirais dum cigarro, lá vai...

Julho de 1941.



GRUPO DE JOGADORES DE «GOLF» ingleses e portugueses que disputaram recentemente um desafio no campo de Miramar.



ASSISTENTES A RECEPÇÃO dada no Consulado do Brasil no Porto aos membros da Comissão Económica Mixta Luso-Brasileira.

Vida MUNDIAL
Ilustrada

JOSE CANDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS

Editor e Proprietário

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Garrett, 80, 2.º—Lisboa—Tel. 25844

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.ª—Tr. da Condessa do Rio, 27—Lisboa.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PASTA MEDICINAL



ESCUTAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORARIO

NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA

TODOS OS DIAS

Postos	Ondas		Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	7.50
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	"
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	11.00
2 RO 17	m. 15.31	(kcs 19590)	15.30
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	20.10
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	"
2 RC 15	m. 25.51	(kcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	"
Ondas	m. 221.1	(kcs 1357)	20.10
médias	m. 263.2	(kcs 1140)	"
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	22.10
2 RO 15	m. 25.51	(kcs 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(kcs 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(kcs 7220)	"
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	"
2 RO 18	m. 30.74	(kcs 9760)	23.00
2 RO 6	m. 19.61	(kcs 15300)	"
2 RO 4	m. 25.40	(kcs 11810)	"

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO
EM LINGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (kcs 19590) das 11.15 até 11.25

NOTA: Aos domingos, ás 20.20 horas, e ás quartas-feiras, ás 20.10 horas, serão radiodifundidas palestras em lingua portuguesa

Em M. 25.70 (KCS. 11695) e 30.52 (KCS 9830)

LEIA
O NOVO LIVRO DE RAMADA CURTO
«Do Diário de José Maria»

O MAIOR ACONTECIMENTO LITERÁRIO DESTA ÉPOCA
UM LIVRO ANCIOSAMENTE AGUARDADO PELO PÚBLICO

Distribuidores gerais:

AGÊNCIA INTERNACIONAL — R. S. Nicolau, 119-2.º

LISBOA

O ALMIRANTE SIR ANDREW CUNNINGHAM, comandante-chefe da esquadra britânica do Mediterrâneo, fotografado a bordo dum dos seus barcos de guerra com Sir Walter Monckton, delegado especial do governo inglês no Próximo Oriente.

